

MUSICOTERAPIA PARA ANGEL: AUTISMO, RITMO E UM ESPAÇO-TEMPO DE SER

Mariângela da Silva Sposito¹
Rosemyriam Cunha²

RESUMO

Esse estudo, de caráter qualitativo, discute aspectos referentes às manifestações corporais e rítmicas cadenciais e espontâneas de uma criança com pautas leves de autismo, observadas no decorrer de atividades sonoras, rítmicas, musicais e lúdicas em encontros musicoterapêuticos. Seis encontros foram filmados e descritos para a posterior construção e análise de um mosaico, agrupamento formado por essas manifestações que no todo se complementam. O processo de Angel foi por ele mesmo delimitado, num trajeto de espaço-tempo, no qual desenvolveu e expressou suas possibilidades atuais de interação. Constatou-se uma postura ritualística dele encarar a realidade ao seu redor, maneira esta que espelhou seu ritmo e as pautas de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pautas leves de Autismo; Manifestação Corporal Rítmica; Musicoterapia.

ABSTRACT

This qualitative character study presents aspects concerning to the spontaneous body and rhythmic manifestations of a boy with mild signs of autism named Angel. Six encounters have been taped in order to capture the sound, rhythmic and game-like activities he did during the Music Therapy interactions. These activities have been described for a subsequent construction of a mosaic made up of the observed manifestations. The analysis revealed that Angel limited the boundaries of his own Music Therapy process by making a trajectory of space-time in which he expressed himself and his actual possibilities of interaction. Data showed that he used a ritualistic posture to face the reality which surrounded him. This attitude mirrored the rhythm and patterns of his identity.

KEYWORDS: Mild Autism; Rhythmic and Body Manifestation; Music Therapy.

¹ Graduação em Musicoterapia pela UNESPAR - Faculdade de Artes do Paraná e Processamento de Dados pela UFPR. E-mail: mariss7@hotmail.com ; <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4414773U2>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora no curso de Musicoterapia da UNESPAR - Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: rose05@uol.com.br ; <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775078J6>

INTRODUÇÃO

“Eu ouço e eu esqueço, eu vejo e eu lembro, eu faço e eu entendo”. (Provérbio Chinês)

“Somente a ALMA pode guiar o CORPO, pelo caminho que a MENTE traçou para o SER”.
(Dalcroze)

“Não importa quão perdido você está, a MÚSICA pode trazer você de volta pra CASA”.
(Linha do filme “The music never stopped”)

Angel, um menino de quatro anos, loiro, de olhos azuis, morava com sua mãe em uma casa com quintal e cachorros. Curioso e esperto, como os meninos de sua idade, frequentava uma escola regular. Pelas manhãs recebia atendimentos complementares de psicologia e fonoaudiologia. Apresentava dificuldade em comunicar-se, estabelecer relações interpessoais e vincular-se, controlar frustrações e expressar emoções adequadamente. Após avaliações neurológicas e audiométricas, aos três anos, Angel recebeu um diagnóstico que o situou dentro do espectro autista, embora com pautas leves.

Nosso trabalho começou em 2012, quando Angel já contava com um ano de processo musicoterapêutico com outro acadêmico/estagiário. Ele explorava diversos objetos facilitadores e lúdicos como quem mapeava o ambiente sonoro disponível, tocava instrumentos e brincava de forma reservada e independente, quase não compartilhava os objetos que escolhia para tocar. Angel aceitava intervenções quando eram favoráveis ao seu interesse do momento e às vezes dependia da presença de um dos familiares por perto para garantir sua estabilidade emocional. Ele mudava o foco de seu interesse em curto espaço de tempo, o que colaborava para uma dinâmica de atuação pouco estável.

Embora sua pouca idade, Angel já mostrava o peso de um estranhamento sociocultural, pelo qual era considerado um menino diferente. A motivação para aprofundar o conhecimento sobre como esse processo se desencadeava, emergiu quando passei a articular os eventos que ocorriam durante nossas interações com as experiências apropriadas no decorrer da minha própria trajetória de vida.

A minha experiência profissional foi matizada pelo ensino de rítmica (métodos Dalcroze e Passo), e havia constatado na minha prática pessoal (Danças Sagradas Gurdjieff), que o corpo tem inteligência, memória e percepção próprias. São habilidades que entram em ação independentemente do nosso aparato

cognitivo racional para funcionar ou responder a estímulos – entre eles o musical. Pois o corpo responde de forma quase involuntária. Foi com essa vivência da experimentação rítmica corporal e da atividade lúdica no contexto do ensino e do aprendizado que me debrucei sobre o processo do Angel. Estava impelida a investigar se as manifestações espontâneas rítmicas cadenciais e as situações lúdicas poderiam facilitar a interação com crianças com pautas leves dentro do espectro autista, no contexto musicoterapêutico.

REVISÃO DE LITERATURA

Consideramos algumas definições que, conforme o enfoque de diferentes autores, se complementam de forma ampla e dialogam.a seguir.

O autismo é considerado uma síndrome comportamental (CRAVEIRO DE SÁ, 2003) com etiologias múltiplas em consequência de um distúrbio de desenvolvimento, hoje englobado na categoria Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). O musicoterapeuta Benezon (1987) usa o termo autismo para fazer referência a “comportamento do ser humano centralizado no próprio indivíduo, que perde contato com a realidade, e que acarreta como consequência o isolamento social” (p.37), ou seja, uma impossibilidade ou dificuldade de comunicação e na formação de vínculo afetivo. Essa síndrome caracteriza-se pelas restrições, apresentadas pelos sujeitos, na tríade de interação social, comunicação verbal/não verbal e repertório imaginativo/comportamental e de interesses, segundo a Associação de Amigos do Autista - AMA. (<http://www.ama.org.br/>).

A professora Gertrud Orff considera que as pautas do autismo se revelam através de distúrbio na atitude geral frente ao ambiente, no equilíbrio entre mundo interno e externo, na troca e projeção entre ambos. “Devido ao comportamento não reativo e a resultante redução de estímulos do meio, a criança não adquire a educação necessária para uma disposição normal, formando um círculo vicioso. Onde não há desafio, não há reação, o desenvolvimento é atrofiado” (ORFF, 1980, p.116). Levando em consideração essa dinâmica de mão dupla entre o meio ambiente e as condições neurológicas, que resultam na tendência de comportamento característico desses casos, não podemos esquecer que o autista é

um ser humano, que tem uma pulsação, uma carga energética e um corpo. Porém essas crianças se colocam frente os acontecimentos ao seu redor em outro ritmo, que não aquele esperado pelo seu meio sociocultural. Às vezes, seu ritmo inesperado surpreende, outras vezes seu deslocamento rítmico modifica até o andamento da vida.

Os acontecimentos rítmicos se sobrepõem nas manifestações da vida, no biológico e no mecânico, incluindo o ser humano, e pode ser observado em sua abrangência, desde o pulsar do coração seguindo o passo do caminhar, até nas fases da Lua e seus efeitos nas marés, afinal vida é ritmo, e vice-versa. Em consonância Dalcroze (1931) diz que “Ritmo está em todo lugar!”, e a continuidade e repetição são características inerentes do ritmo (p.190).

A palavra ritmo quer dizer fluir em movimento regular, ordem cadenciada na sucessão das coisas (LEINIG, 1977). Ritmo é a ordem suprema da música, assim como de todas as coisas e dos fenômenos naturais. Já o educador musical Willems (1979), ressalta que o ritmo pode ser considerado em aspecto triplo: material fisiológico, afetivo emotivo e mental.

Com foco no aspecto psicomotor do ser humano, Dalcroze observou que a existência de qualquer problema de personalidade ou relacionado com a insatisfação de uma pessoa consigo mesma, por alguma razão, se refletia em geral na sua capacidade para seguir o ritmo da música (VANDERSPAR, 1990). Essa incapacidade é indicada pelo autor como a manifestação de um desequilíbrio entre corpo e espírito, bem como um déficit geral de coordenação. De acordo com o processo de conscientização do próprio corpo em movimento e ao considerar o ritmo musical como princípio biológico, estruturador no nível orgânico, ressaltamos que:

O desenvolvimento da consciência rítmica é alcançado praticando o movimento ordenado, o ritmo pode revelar seus poderes: estimulante, afirmativo, calmante ou catalisador. Assim favorece uma base estável para o desenvolvimento do tônus vital, da emotividade e das estruturas da inteligência, também despertando e mantendo a força de vontade, indispensável para a vida e para a cura. (WILLEMS, 1975, p.35).

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com base na observação livre e direta e sob preceitos da Metodologia Qualitativa, que, segundo Kruger (2008), está localizada no

paradigma interpretativo. Abrangeu seis encontros individuais de Musicoterapia, durante os quais foram gravadas imagens em vídeo, por esse motivo passou pela aprovação de um comitê de ética em pesquisa, e organizados registros em forma de relatório descritivo das interações e intervenções realizadas. Os encontros tiveram a duração de aproximadamente uma hora com periodicidade semanal, e aconteceram entre os meses de Junho e Agosto, nas dependências do centro de atendimento à comunidade de uma instituição de ensino superior de Curitiba.

Para descrever as manifestações corporais cadenciais e sonoras espontâneas suscitadas pela interação musicoterapêutica, foram propostas atividades baseadas em estímulos rítmicos musicais e lúdicos. Foi a própria interação humana, mediada pelo fazer sonoro que serviu para desencadear atitudes e posturas dessa criança, como por exemplo: tocar instrumentos, movimentar partes do corpo, brincar, cantar, dramatizar, narrar momentos com paródias ou contar histórias com livros ilustrados de canções infantis.

O conjunto das anotações, além da retro-informação dos fatos destacados das imagens, resultantes desse estudo foram agrupadas conforme atividades: brincadeiras, narrativas cantadas, dramatizações, percussão, melodias e ritmos; e ao juntar essas peças construímos/formamos um “mosaico de ações e eventos” (BARTOLOME, 2010, p.28). Esse termo, devido à especificidade do estudo, foi aqui adaptado como *mosaico de manifestações*, para aproximar da representação global do caso. Cada uma das partes que compuseram esse mosaico foram consideradas unidades de análise. Pode-se dizer, então, que a partir do estudo de cada parte, um todo foi organizado com a soma das idéias e perspectivas reveladas.

RELATO DE CASO

Já na primeira entrevista, a mãe contou que o filho chorava muito no primeiro ano de vida e que tinha um comportamento bem agitado. Ela relatou que ele não gostava de lugares com muitas pessoas e que não olhava para pessoas estranhas, que apresentava ecolalias em uma comunicação limitada. “Fugia do mundo”, disse ela, e “não respondia a comandos.” Na nossa interação, Angel apontava o que queria mais do que pedia verbalizando e costumava não responder algumas das intervenções nem com gestos corporais indicativos de interesse,

embora parecesse ter compreensão do que se falava.

Nosso processo de atendimentos começou quando o pequeno Angel tinha três anos e meio de idade. A adaptação com a mudança de convívio entre estagiárias fluiu de maneira satisfatória e natural, ele se apresentava receptivo nas atividades e fomos criando nossa própria forma de relação. O local de nossos encontros foi uma sala confortável, na qual o chão era forrado com colchonetes de EVA coloridos, onde normalmente nos sentávamos rodeados por instrumentos musicais e brinquedos, objetos intermediadores da nossa relação, disponibilizados para exploração e interação musicoterapêutica. A expectativa era a de que o engajamento em propostas musicoterapêuticas pudesse alavancar o desenvolvimento da interação social, promover vínculo, incentivar expressão e comunicação de sentimentos, desenvolver capacidade de imaginar através do faz-de-conta e adequar comportamentos, no que diz respeito aos limites de ação. As técnicas musicoterapêuticas mais usadas com o Angel foram: re-criação de canções infantis, improvisação livre instrumental e paródias que narravam eventos vivenciados no momento.

Ao chegar na sala com seus brinquedos favoritos, expunha os bichos no chão e ordenava lado a lado classificando por tipo com tamanhos variados em grupos que formavam famílias, além de movimentar seu corpo para imitar gestos dos animais (comer, andar, dormir) e emitir sons correspondentes aos mesmos. Permitia minha participação na brincadeira com ele, dava vida aos animais e asas à sua imaginação. Na sequência Angel se dirigia ao armário e se deixava ser levantado no colo para ajudar a alcançar e ver as prateleiras superiores, de onde escolhia o objeto de sua preferência e o trazia para ser usado no centro do ambiente musicoterapêutico. Outro momento de proximidade era a saudação de chegada e despedida com beijo, que passou a ser um cumprimento com gosto e sorriso no rosto, além da solicitação educada pelos pais.

Associados a essa forma de mediar relações sociais e demarcar territórios, estiveram presentes eventos/interações musicoterapêuticas que se destacaram pela recorrência e objetos considerados de maior valor dentro do processo estudado.

A bateria era uma das atrações para Angel. Ele gostava de bater no pedal do bumbo com o pé ou com a mão. Às vezes era acompanhado por improvisação da estagiária com ritmo marcado pelo piano ou através da paródia: “Pirulito que bate,

bate; pirulito que já bateu, quem bate no tambor é o Angel e sou eu”. Ele tocava os tambores e pratos com a baqueta, além de girar os pratos com a mão e era acompanhado com a canção “Gira, gira, gira, parou”. Costumava colocar objetos dentro do buraco do tambor grande da bateria, igual que retirar e recolocar as lâminas do xilofone para esconder as baquetas dentro do buraco, sem preocupar-se com o aspecto sonoro do instrumento, mas sim com o ato motor em si. E ao olhar através da superfície transparente do tambor da bateria, me enxergava do outro lado do instrumento, fato que logo se converteu em uma brincadeira de “Tu-tu, achou”.

Estava disponível uma bandeja de percussão construída artesanalmente com base de madeira e material de sucata. Uma das formas que Angel costumava usar esse instrumento era passando as baquetas por fora do tubo de plástico corrugado, como fazia no xilofone, e esse gesto era acompanhado por nós emitindo som vocal correspondente a um *glissando*. Também passava outros objetos por dentro do tubo, e às vezes tornava-se um desafio retirá-los pelo outro lado devido ao tamanho, então eram empurrados com auxílio da baqueta. Ele percutia as superfícies variadas (frigideira, prato de metal e latas invertidas) com as baquetas e brincava com as vogais coloridas de EVA aderidas com velcro, que eram repetidas na vocalização da sequência das cinco primeiras notas musicais (de Do a Sol). A identidade era trabalhada com o uso da letra “A de An-gel” de forma ritmada.

Ao piano, compartilhávamos improvisos aleatórios a quatro mãos ou cantando canções infantis conhecidas. Ele também dramatizava algum animal enquanto escutava sons tocados ao piano que imitavam seus gestos. A sonoridade produzida saltava entre os extremos do agudo (passarinho) ou grave (hipopótamo) de acordo com o animal ao que era associado. Uma das vezes ele aplaudiu ao final da execução gritando “Eee”, e imitei sua interação para reforçar a atitude apropriada.

O bongô foi colocado no centro da sala pelo pai, em um dos dias que acompanhou as atividades. A primeira reação do Angel foi usá-lo como banquinho para sentar, o que o pai tentou corrigir modelando a percussão da superfície com as mãos, mas a princípio ele não correspondeu ao uso indicado. Depois de algumas demonstrações, pois permitia que a estagiária percutisse alternando as mãos entre as duas superfícies e cantando a canção “Uma primeiro e a outra depois, com as duas mãos de uma vez”, ele começou a experimentar imitando a alternância. Reproduzia esse gesto alternado com as baquetas no xilofone e com os dedos, ao

tocar o piano, ao ser estimulado para isso.

Em um dos nossos encontros, quase que por acaso, Angel descobriu o buraco no fundo da timba que estava invertida, com a superfície usada pra tocar virada para baixo apoiada no chão. Usou o instrumento posicionado dessa forma para emitir sons vocais enquanto colocava a cabeça dentro do buraco, e também outros objetos. Passou a articular seu próprio nome e imitava outras palavras isoladas, mas que se encontravam dentro do contexto. Interagíamos em um jogo de produção vocal imitativo alternando turnos, e intermediado por sorrisos devido à descoberta da novidade que desfrutou.

Um brinquedo de plástico que às vezes ele pedia para alcançar do armário era a “boquinha da caveira”. Esse brinquedo era composto por dentes que abriam e fechavam quando acionados por pressão do dedo desde um dispositivo de mola. Angel o usava para fazer de conta que mordía o dedo da mão da estagiária dizendo “Ai-ai”, além de emitir uma risada dramatizada de maneira caricatural, como quem incorporava um personagem, enquanto articulava o gesto. Por momentos tivemos que colocar um limite para que o fizesse com cuidado para não machucar a outra pessoa enquanto brincava de morder.

Estavam disponibilizados na sala vários cordões feitos artesanalmente, que uniam tampinhas de plástico coloridas perfuradas. Usamos esses cordões fazendo gestos, tipo serpenteando pelo chão e também chacoalhando para produzir ruído com a percussão entre as tampinhas. Certa vez ele percebeu minha ação de chacoalhar ou parar de mexer os cordões ao mesmo tempo em que ele o fazia. Ao notar essa reação de acordo com seus gestos, começou a interagir com a provocação de movimentar e pausar os cordões através do som, em forma de jogo.

Repetia inúmeras vezes a brincadeira de esconder e achar o sapo de pelúcia que encapsulava dentro das duas metades dos cocos. Era acompanhado por um canção infantil do tema, cantadas pela estagiária e completada por ele com as palavras finais de cada sentença: “O sapo não lava o pé, não lava porque não quer, ele mora lá na lagoa, não lava o pé porque não quer, mas que chulé”. Uma distração era olhar através do buraquinho na ponta de um dos cocos e “cutucar” com o dedo, o sapo de pelúcia que escondia dentro das duas metades dos cocos fechados. Associado com o ruído da matraca, também reproduzimos o som do sapo “rebit”, que pulava do chão em quatro apoios na conta de 1-2-3, gesto que ele imitava

corporal e verbalmente.

Para fechamento das atividades, costumávamos usar sempre a mesma canção que indicava o término do nosso atendimento – “Ta na hora de ir embora, a guardar cada coisa em seu lugar”, momento em que Angel colaborou gradativamente mais com o passar dos encontros. A guia da narrativa da canção se converteu num ritual de despedida e se afirmava como a segurança de algo conhecido dentro da rotina estabelecida nesse interagir, com o que demonstrava a força do hábito e da memória.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Por meio do *mosaico das manifestações*, o que foi observado foi um ritmo mais abrangente, cuja recorrência, às vezes, tomava o espaço de tempo de uma atividade à outra, ou de um encontro ao outro. As pautas autísticas, apesar de diluídas nas brincadeiras, apareceram durante as formas de manifestações de Angel, no comportamento pouco tolerante a adaptações e sugestões na forma de brincar, quando ele era quem escolhia o que, quando e como fazia, além de evidenciar uma alternância entre avanços e retrocessos.

A proposta lúdica que Angel estabeleceu no decorrer dos nossos encontros pode ser considerada um comportamento adequado à sua faixa etária. Ao brincar, a criança expressa emoções por meio de gestos e atitudes, repletas de significados, pois investe sua afetividade nessa atividade. Percebeu-se que Angel estabelecia essa relação afetiva mais facilmente com os brinquedos do que com as pessoas. E ao considerar que aquilo que a criança faz espontaneamente corresponde às suas motivações profundas, no caso em questão, a brincadeira pareceu servir como subterfúgio e reforçar a condição de dificuldade para socializar, característica intrínseca do autismo. Por exemplo, no caso da exposição dos animais enfileirados, em que se vivenciava a contradição de um convite ao mesmo tempo que uma barreira para a interação pessoal. Nesse momento ele brincava sozinho, mas construía um chamado, em forma de apresentação sedutora dos brinquedos que gostava, para chamar a interação mediada pela narrativa musicada da estagiária.

Com o brinquedo a criança tem a possibilidade de apropriar-se e re-significar objetos, enfatiza Vygotsky (1998). Uma das nossas considerações era o fato de

Angel permitir-se imaginar sem restrições ao dramatizar animais, apesar de apontado como uma das dificuldades para quem apresenta pautas autísticas. Então, no caso dele, talvez essa fosse uma forma de continuar num mundo somente da sua imaginação, que não incluísse outras pessoas reais, com as quais era mais difícil de interagir, ocasião em que teria que negociar dentro da dinâmica social.

Ao refletir sobre o processo de Angel, suas escolhas de brinquedos e instrumentos e na sua forma de atuar, apesar de mergulhado em suas brincadeiras mais individualizadas e indiferente a algumas proposições, não delataram sua condição dentro do espectro autista de forma direta e evidente. Foi durante o interagir que a dificuldade começou a se revelar, nas situações em que os limites ou regras causavam impasse para que ele continuasse fluindo na dinâmica da relação, dentro de um jogo que exige flexibilidade das partes. Apesar de que ele enfrentava desafios e encontrava soluções para problemas, como retirar objetos de dentro do tubo da bandeja ou da timba invertida. E com o tempo, passou a respeitar minha vez, me emprestava a baqueta e me incluía no jogo, o que afirmava nosso vínculo.

Entre os comportamentos expressados por Angel e construídos durante as interações experienciadas no *mosaico das manifestações*, destacaram-se como rituais marcantes e recorrentes de seu processo: o trazer objetos (livros, brinquedos) de casa e compartilhar expondo-os ordenadamente, os gestos imitativos das ações dos animais em forma de dramatização lúdica, a ida até o armário com a aceitação da ajuda para alcançar objetos da prateleira superior, o beijo de saudação na chegada e na saída e o marco musical usado na finalização dos nossos encontros.

Após essas considerações nos perguntamos onde Angel se situa, em relação ao ritmo e ao diagnóstico que recebeu em tão tenra idade e o rotulou. Para tal reflexão, dialogamos com o musicoterapeuta Even Ruud que confirma a idéia de que ritmo é vida, e que a experiência do ritmo está diretamente ligada à saúde, e a patologia é vista como um distúrbio no "ritmo da vida" (1998, p. 127).

Angel organizou nosso "espaço-tempo" (CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p.137) de trabalho, e comandou seu próprio processo, até certo ponto. Ele fazia uma espécie de ponte ao trazer um pertence de casa para compartilhar, e a partir desse elo familiar mediador, que servia de saudação, então passava a explorar outros objetos da sala da forma que queria, mas aceitava minha companhia. Com isso, assinalava e demarcava um *espaço-tempo afetivo*, um *ritmo afetivo* que estava sendo

construído dentro desse contexto, influenciando e sendo influenciado pelo “ritmo de vida, espontâneo e vivencial” (LEINIG, 1977, p.36), particular dele, caracterizando uma via de mão dupla, com possibilidades de troca dinâmica.

Rito aqui refere-se a uma sucessão de gestos que responde a necessidades essenciais, executados com uma certa euritmia. Segundo a etimologia, a palavra rito designa aquilo que se realiza de acordo com uma ordem repetidamente (HOUAISS; VILLAR, 2001). A ordem ritual recorrente nas manifestações de Angel era uma forma protegida de interagir, que lhe garantia certa segurança e controle da situação, e que mostrava sua necessidade de manter essa ordem e esse ritual intocáveis para não se perder no tempo e no espaço afetivo. Essa forma ritualística foi flexibilizada com o passar dos encontros criando espaço e tempo para adaptações e inovações, abrindo o leque do seu repertório de ações.

Ainda assim os pais expressaram a preocupação com a condição do filho, e se perguntavam “se um dia ele chegaria a ser normal”? Por outro lado, Tubbs (2008) afirma que essas crianças são inteligentes, sensíveis e observadoras, mesmo que possa parecer ao contrário devido a inabilidade para verbalizar seus pensamentos, necessidades e sentimentos. Elas são um enigma esperando para serem desvendadas, mas num nível espiritual profundo, eles estão conscientes.

REFLEXÃO FINAL

A reflexão sobre o trabalho com Angel, nos levou a pensar que no seu nível de comprometimento - pautas leves de autismo, no limite próximo à normalidade, a aquisição de comportamentos socialmente adequados, como hábitos, e o desenvolvimento de habilidades práticas motoras e cognitivas parecem ser possíveis, um potencial a ser explorado. No nosso entendimento, uma das partes mais delicadas de lidar foi com o sofrimento humano, no que se refere às pessoas queridas que convivem com a criança acometida, pois parece que os sentimentos profundos desse ser permanecem reservados para si, sem cumplicidade e entrega na relação, enclausurado em seu mundo afetivo.

Ao considerar a palavra *ritual*, como algo que se repete dentro de uma certa ordem, podemos aproximá-la ao termo *ritmo*, com mesma raiz etimológica. Desse ponto de vista, propomos uma relação de parentesco na origem dessas palavras,

encontrada no caso do relato do Angel. O *ritmo afetivo* revelado nesse interagir apresenta um fluxo dinâmico de repetição que evoluiu também num tempo próprio, manifestado nas formas de relacionar-se com o outro e com o meio, o que caracteriza um *ritual afetivo*, e gerou ciclos de interação social com sincronizações, sintonias e empatias na nossa relação.

No trajeto que percorremos, as atividades lúdico-musicais favoreceram condições em um ambiente propício e não ameaçador para estabelecer vínculo de confiança e permitir que emergisse uma expressão de afeto, mesmo que tímida. Foi através dos objetos e da música, que mediaram a realidade objetiva e seu mundo interno, que Angel delimitou o caminho de sua ação, que trilhou convivendo ao mesmo tempo, com suas dificuldades e possibilidades de comunicar-se afetivamente. Durante o processo, encontramos um menino que demonstrou um ritmo de desenvolvimento na capacidade de interagir e relacionar-se, revelado através do brincar apresentado no mosaico de manifestações. Com uma postura ritualística, que era para ele a forma, o ritmo, o tempo que ele precisava para experimentar a relação, deixar-se cativar e mostrar para o outro seu afeto, fosse de raiva, de alegria, de medo, de insegurança, ou de prazer.

Descobrimos aqui um *espaço-tempo vivencial* singular, marcado pelo seu diagnóstico e que espelhou seu ritmo peculiar com as pautas de sua identidade. Mesmo que seu ritmo e a forma ritual de comportar-se, organizar e lidar com seu entorno sejam diferente da maioria das crianças, ele permitiu-se conhecer, pela sua maneira de ser, como um menino que sente, pensa e age.

Pode-se dizer que, através da ação musicoterapêutica, entramos em sintonia com sua pulsação particular para sincronizar com seus pensamentos, movimentos e afetos, e assim foi possível promover a saúde emocional e, conseqüentemente, social do Angel, e que isso ressoou na família, talvez entre os amiguinhos, na escola e na sua vidinha futura por aflorar.

“O autismo deixa de ser uma doença a ser sanada, para ser uma dinâmica de vida a ser, ou não, transformada.” (CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p.111).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO de Amigos do Autista. Disponível em: <<http://www.ama.org.br/>>

Acesso em: 14 jul. 2012.

BARTOLOME, Sarah. **Girl Choir Culture: An Ethnography of the Seattle Girls' Choir**. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Program authorized to offer degree: School of Music. University of Washington, Washington, 2010.

BENENZON, Rolando. **O Autismo, a Família, a Instituição e a Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1987.

CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. **A Teoria do Tempo e o Autista: Música e Musicoterapia**. Goiânia: Ed.UFG, 2003.

DALCROZE, Emile Jaques. **Rhythm, Music and Education**. New York: GP Putnam's Son, 1931.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRUGER, Simone. **Ethnography in the Performing Arts**. JMU, 2008.

LEINIG, Clotilde Espínola. **Tratado de Musicoterapia**. Sobral Editora. São Paulo, 1977.

ORFF, Gertrud. **The Orff Music Therapy**. London: Schott & Co.Ltd, 1980.

RUUD, Even. **Music Therapy, Improvisation, Communication and Culture**. Barcelona Publishers, 1998.

TUBBS, Janet. **Creative Therapy for Children with Autism, ADD and Asperger's**. USA: Square One Publishers, 2008.

VANDERSPAR, Elizabeth. **Manual Jaques-Dalcroze**. Barcelona: Ediciones Pilar Llongueres, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILLEMS, Edgar. **Introducción a La Musicoterapia**. Sociedad Argentina de Educacion Musical. Buenos Aires, 1975.

_____. **Las bases psicologicas de la educacion musical**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1979.